



# Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural**  
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



Parceria:



denominação

**Fazenda do Sossego**

código

**AIV - F13 - PS**

localização

**Estrada da Fazenda do Sossego, 13.113 - Serra das Abóboras**

município

**Paraíba do Sul**

época de construção

**século XIX**

estado de conservação

**detalhamento no corpo da ficha**

uso atual / original

**residencial, pecuária leiteira / residencial, fazenda de café,  
ponto de tropeiros**

proteção existente / proposta

**nenhuma**

proprietário

**particular**



Fazenda do Sossego e seu entorno

coordenador / data

**Domingos Espíndola de Aguiar & Iracema Franco - jan 2009**

equipe

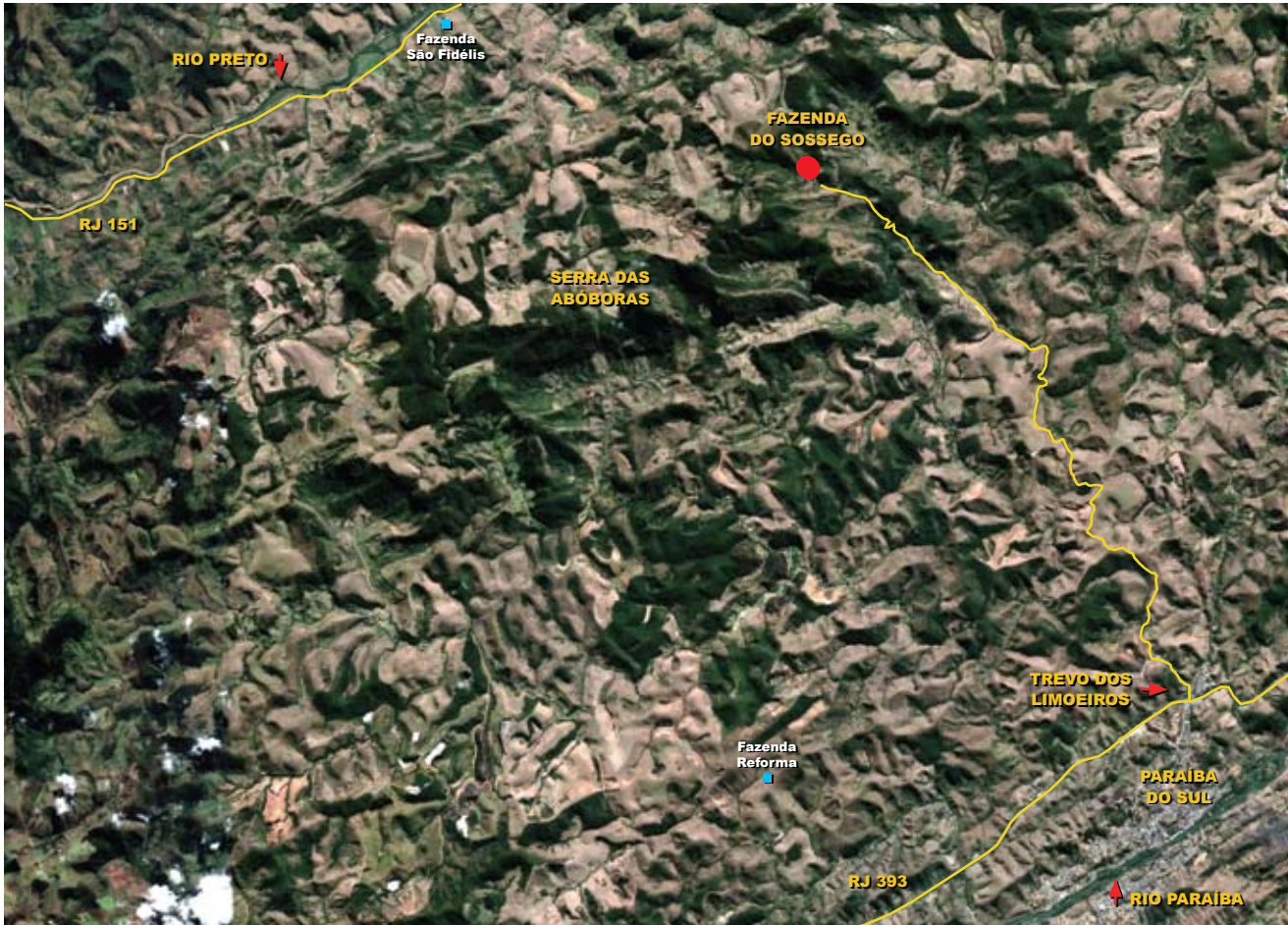
**Domingos Espíndola de Aguiar, Iracema Franco e Paola Giorgine**

histórico

**Adriano Novaes**

revisão

**Coordenação técnica  
do projeto**



situação



ambiência

A Fazenda do Sossego está localizada na Serra das Abóboras, a cerca de 600 m de altitude, no vale do Ribeirão Santo Antônio, contribuinte do rio Paraíba do Sul pela margem esquerda. A estrada que leva à fazenda tem início na BR-393, no trevo de acesso a Paraíba do Sul, no sentido contrário ao da entrada da cidade, próximo ao posto da Polícia Rodoviária. A casa-sede dista cerca de 16km deste ponto.

Partindo deste entroncamento, toma-se a via à esquerda e percorre-se um longo trecho de subida, asfaltado até o bairro Eldorado e, daí em diante, em estrada de terra batida, alternando aclives e declives em uma estrada sinuosa que acompanha o relevo dos morros do tipo meia laranja (f01).

Ao longo do caminho a vegetação é escassa, prevalecendo na paisagem pastos e poucas árvores esparsas, que servem de sombra aos rebanhos. Em sua parte final, a estrada acompanha o talvegue do vale do Ribeirão Santo Antônio, de onde se percebe, à esquerda, áreas alagadas. O relevo, mais movimentado neste trecho, emoldura os dois lados da estrada com afloramentos rochosos de rara beleza, além de matas bem preservadas, que ocultam do viajante a sede da fazenda (f02).

Somente depois de ultrapassar a porteira e um pomar com jambos (cujas copas formam um portal de acesso), jabuticabeiras, bananeiras, mangueiras, laranjeiras, pokans e também palmeiras, é que se vislumbra o conjunto de construções dispostas em torno dos antigos terreiros de café (f03). Logo na entrada, à direita, temos o estábulo e, em seguida, o prédio onde funcionava uma oficina, além de depósitos construídos sob pilares de pedra, que foram cercados, sendo seu espaço utilizado como curral (f04). Posteriormente, foi construída uma rampa para lavagem dos animais, contígua e paralela a esse curral (f05).

Seguem este alinhamento as casas dos colonos, intercaladas a trecho vazio, que guarda vestígios de antigas construções (f06). Atrás desta ala de construções existiam, segundo o filho da proprietária, as senzalas, já demolidas.



01



02



03



04



05



06

Ao fundo dos terreiros estão dispostos o paiol, chiqueiros, uma pequena usina, oficinas e moinho (f07 e f08). Um pouco mais atrás, estão localizadas a moenda e a casa de tachos para beneficiamento da cana-de-açúcar (f09).

Os terreiros, delimitados por fileiras de pedra, estão hoje cobertos por grama com pequenas árvores frutíferas, mas o sistema de canaletas que conduzia a água de abastecimento da sede e para a lavagem do café, ainda se mantém íntegro, interligando tanques e represas (f10, f11 e f12).

O acesso à sede é calçado em cantaria, tendo ao final uma escadaria também em pedra, com guarda-corpo de ferro batido (f13 e 14). Esta passagem é justamente o fechamento do quadrilátero funcional que encontramos na implantação típica das fazendas de café do século XIX. Segue-se, depois do lance de escada, um pequeno jardim, que antecede a entrada principal da casa. Sua implantação ao pé do morro, sob platô de cerca de 3 m de altura, e o embasamento formado por porão alto, destacam a volumetria da construção (f15 e f16).

No entorno, a vegetação típica da Mata Atlântica predomina e o marulhar constante e tranquilizador da água, que jorra incessante, ressoa por todos os lados. Aliás, água é o que se tem em abundância e de excelente qualidade, que brota aos fundos da sede, caindo em tanques de cantaria e conduzidos para as canaletas, na lateral esquerda, escorrendo por uma bellissima escarpa rochosa, que tem em sua base um pequeno lago para represamento e controle das enxurradas dos temporais. O canto dos pássaros conferem à paisagem o *status* de um verdadeiro paraíso (f17 e f18).



07



08



09



10



11



12



13



14



15



16



18



17

A casa da Fazenda do Sossego tinha, originalmente, planta linear disposta em sentido longitudinal aos terreiros de café. Sofreu dois acréscimos em sua fachada lateral esquerda, ortogonais à sua maior dimensão, porém estes não interferem no campo de visada do visitante, já que esta fachada volta-se ao morro ali existente. A porta de entrada está localizada na fachada de menor dimensão que, entretanto, não se configura como a de maior importância (f19).

A simplicidade de sua planta retangular, com um telhado em quatro águas de telhas capa e canal (f20), mantendo 13 janelas de madeira em guilhotina, enfileiradas, retratam a linguagem neoclássica desta fazenda. (f21)

O embasamento, ao nível do gramado, apresenta à direita quatro portas que acessam o porão, onde são atualmente guardados ferramentas, móveis e outros pertences que já não são utilizados no dia-a-dia da casa-sede.

A moradia desenvolve-se no platô e tem acesso por duas escadarias localizadas de cada lado da construção. A escada principal, à esquerda, leva a um pequeno jardim que mantém fonte e mobiliário de pedra (f22 e f23). Junto ao jardim foi erigida uma capela pela atual proprietária. (f24 e f25)



19



20



21



22



23



24



25

A porta principal, simples, com singela proteção de telhado em meia água, abre-se diretamente para a sala de estar, que é interligada por outras salas, sucessivamente, a quartos, cozinha, copa, despensa e, nos fundos, a áreas cobertas e de serviços em geral (f26, f27, f28, f29 e f30).

Os vãos de portas e janelas são em vergas retas, sem ornamentação, possuindo esquadrias em madeira e vidro com abertura em guilhotina, externamente, e em duas folhas de madeira lisa, internamente. As portas externas são em duas folhas almofadadas e as internas em madeira lisas (f31 e f32).



26



27



28



29



30



31



32

Quebrando a longitudinalidade da planta original, aparecem, ligadas ao corpo principal, a segunda sala, a cozinha e a copa. O outro anexo, ao final da construção, parece ter sido integrado ao corpo principal mais recentemente. Esta junção é realizada por cobertura em duas águas que intercepta o telhado principal formando um pequeno “t” irregular (f33).

Todos os quartos têm suas janelas voltadas para a fachada principal, abrindo-se as salas, saletas, banheiros e depósitos para os fundos (f34).

A simplicidade desta sede nos reserva uma leitura neoclássica: com vãos retos, ausência de ornamentação, formal, cobertura em quatro águas no corpo principal e três águas na inserção dos fundos.

Desprovida de acabamentos nos telhados (cimalhas) e apresentando apenas pequenos beirais com cachorros aparentes, provavelmente modificados em reformas anteriores, a casa mantém os cunhais arrematados em argamassa lisa, destacando-se apenas as cores das portas e janelas em relação ao todo branco. Isso confere a esta casa-sede o *status* de um exemplar distinto, revelador de muitas das características comuns às primeiras fazendas de café no Vale do Paraíba do século XIX (f35 a f37).

Provavelmente o embasamento ao nível dos terreiros (porão) é feito em pedra com acabamento em argamassa de cal e areia. Na parte de cima, em argamassa de cal e areia sobre paredes de pau-a-pique. No nível dos terreiros, um sistema de canais em cantaria contorna as paredes da sede na fachada principal, correndo paralelos às calçadas em pedra de mão.



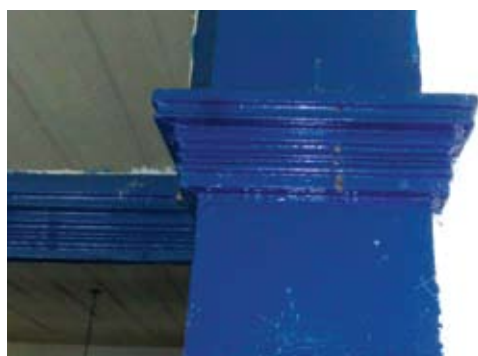
33



34



35



36



37



As estruturas de sustentação são em madeira (pilares, vigas, madres e cunhais), encobertas por argamassa de cal e areia, estando em sua maioria em bom estado de conservação (f38)

As paredes de vedação, divisórias, são em quase sua totalidade em pau a pique, excetuando-se apenas as da sala principal (acesso), onde existiam um quarto e um oratório – no qual havia a imagem do Menino Jesus levada para a nova capela – e as dos banheiros, nos quais foram utilizados materiais de construção contemporâneos.

No corpo principal, as telhas de cerâmica capa e canal nos fazem crer serem originais, devido a seu tamanho e grau de envelhecimento, porém, as telhas do mesmo modelo sobre a cozinha e copa são contemporâneas.

As disposições dos cômodos, duas salas, duas saletas e sete quartos, e suas dimensões confirmam o uso estritamente residencial desta casa. O piso em tábua corrida, portas e janelas de madeira reta, simples sem rebuscamento, forros de madeira saia e blusa (f39) e paredes sem decoração, nos revelam um modo simples de viver. Da mobília original pouco restou. Porém vários móveis de épocas distintas existentes na fazenda destacam-se pela beleza (f40).



38



39



40

A Fazenda do Sossego conserva ainda o casarão original e seu uso como residência da família, além do moinho, das oficinas, do paiol, da casa do administrador e dos depósitos. Não estão em uso como outrora, porém estão preservados e mantêm suas características originais, observando-se, entretanto, alguns danos que ainda não comprometem sua integridade.

Existe ainda, à direita da sede, atrás das oficinas e próximo à mata, uma pequena moenda movida por tração animal, que sofreu modificações apenas em sua parte inferior. Próximo ao depósito, que é sustentado por belíssimas pilastras de cantaria, há um curral de feitura mais recente, onde fica confinado o gado e as atividades ligadas à pecuária leiteira que hoje contribuem para o sustento da fazenda (f41).

Metade do terreiro de café está coberto por grama (f42), metade por um pequeno pomar com pokans e laranjeiras, porém, preservando perfeitamente sua configuração. Está delimitado pelos canais em cantaria, onde ainda circula, em abundância, uma água de qualidade mineral.



41



42

Nos prédios das oficinas, depósitos e casa de colono foram observadas perdas de argamassa em pontos específicos, deixando visíveis os componentes estruturais das paredes de pau-a-pique (f43 e f44). Nestas aparecem também furações nas estruturas de madeira (f45), indicando modificação de paredes ou demolições.

Na sede, percebe-se a proliferação de vegetação no telhado original (fungos, musgos e gramíneas), o que não aparece nos telhados sobre a copa e cozinha (f46 a f48), refeitos em época mais próxima.



43



44



45



46

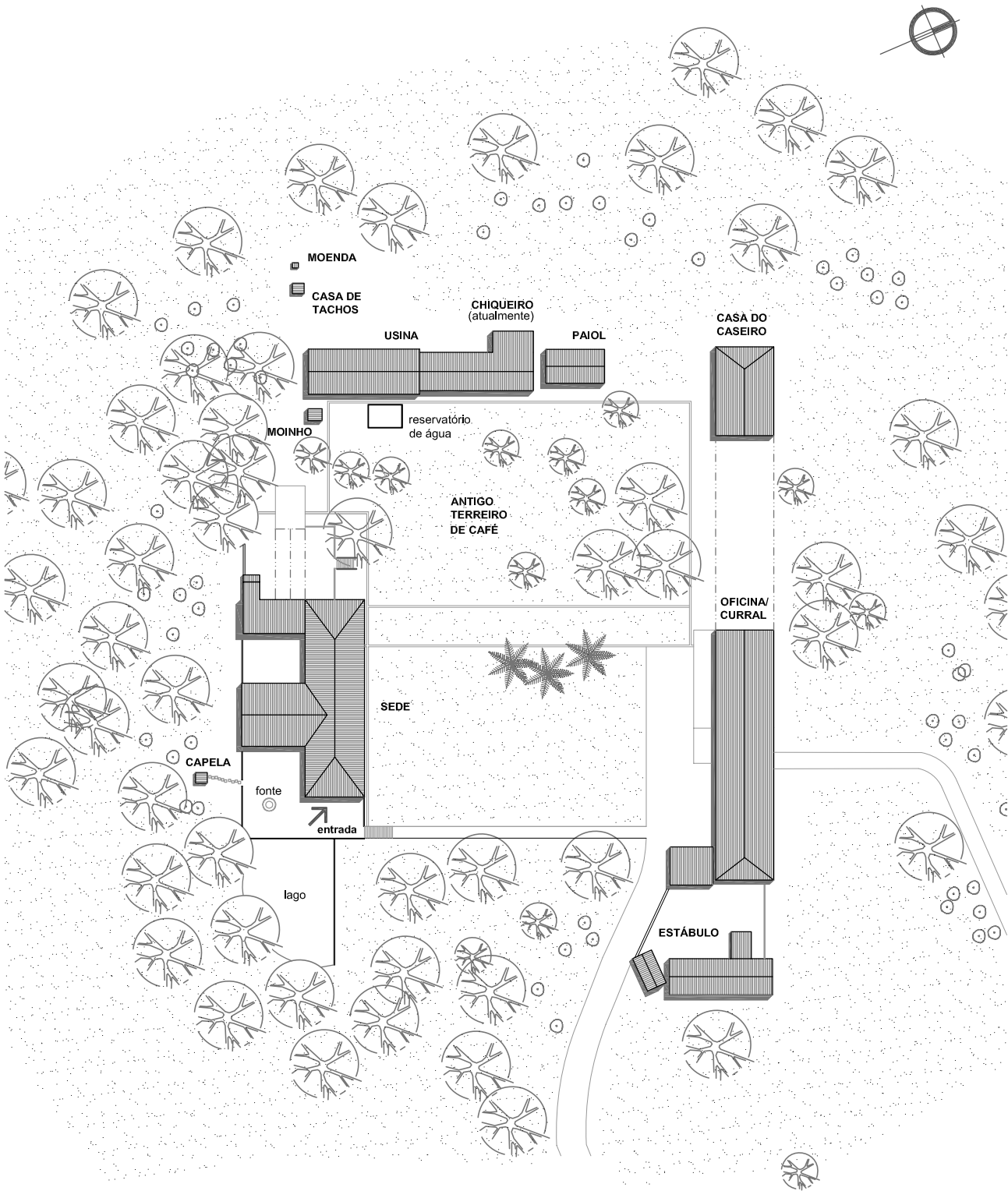


47



48

# FAZENDA DO SOSSEGO

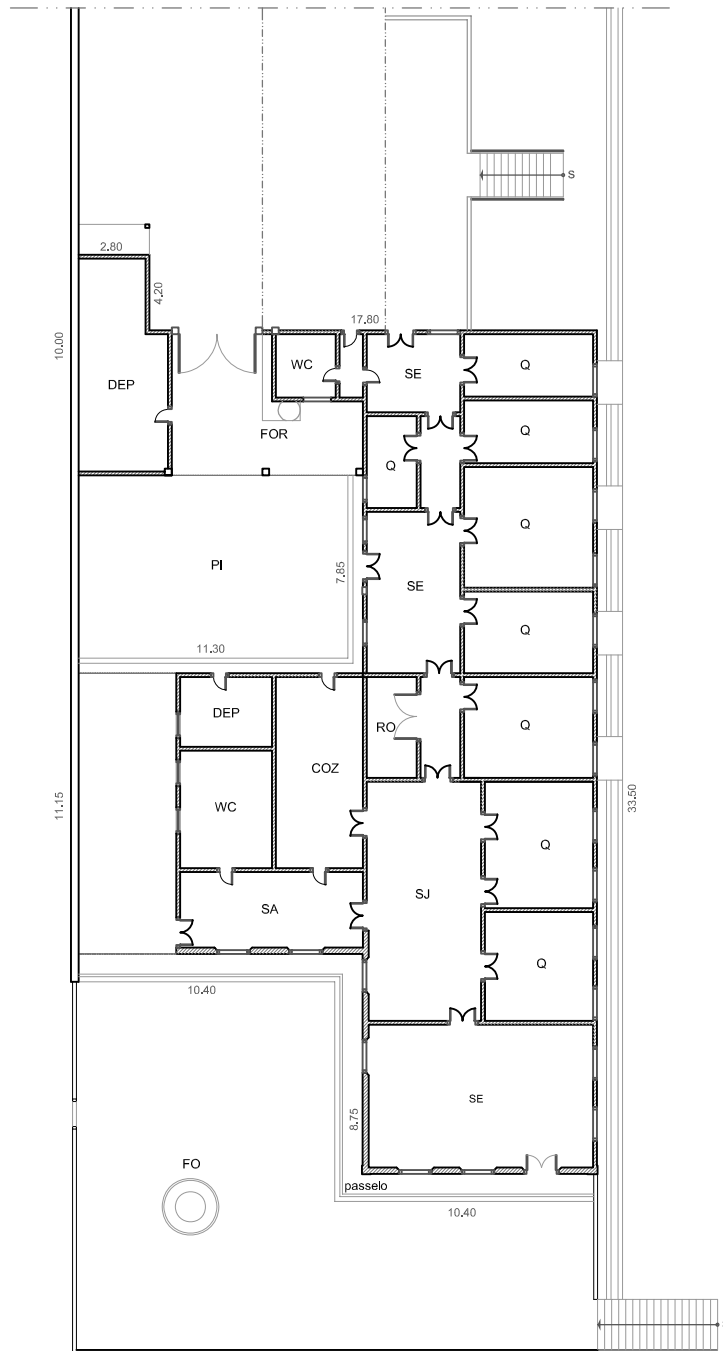


**1** Implantação

escala: 1/1000



**FAZENDA DO SOSSEGO**



**1** Planta Baixa da Sede  
 escala: 1/300

COZ - cozinha	FO - fonte	PI - pátio interno	SJ - sala de jantar	WC - banheiro	alvenaria existente
DE - depósito	FOR - forno	SE - sala de estar	Q - quarto		alvenaria demolida

Segundo consta, a Fazenda do Sossego foi adquirida na primeira metade do século XIX por Inácio Pereira Nunes, um dos maiores senhores de terra da região de Paraíba do Sul. Nascido na cidade do Rio de Janeiro, no bairro de Inhaúma, Inácio Pereira Nunes foi, de fato, um dos pioneiros na cultura do café em terras de Paraíba do Sul. Não se sabe ao certo quando teria chegado à região, porém, em princípios do século XIX, já lá estava, com certeza.

Inicialmente, foi dono de uma propriedade com plantação de subsistência e olaria, na Fazenda do Inema. Com o tempo, foi adquirindo várias outras terras em pura mata. Inácio também exercia a atividade de usurário, e, inclusive, tornou-se senhor de diversas fazendas através da execução de bens hipotecados a ele.

Tinha preferência pelas terras da Serra das Abóboras, nas vertentes do rio Paraíba do Sul. Suas primeiras propriedades nesta região foram os sítios Água Limpa e Serra, havidos por compra da viúva de José Fernandes dos Santos.

Quando da Revolução em Minas Gerais, no ano de 1842, prestou em sua Fazenda da Cachoeira Grande auxílio à tropa legal de Caxias, ali baseada antes da tomada de Paraíba. Por esse motivo, foi condecorado pelo Imperador D. Pedro II com a comenda da Ordem de Cristo. Desde então passou a ser conhecido por comendador Inácio Pereira Nunes.

Segundo o grande historiador Pedro Gomes da Silva, o comendador Pereira Nunes enriqueceu rapidamente com o café, possuindo cerca de 1.000 escravos. Tinha também quase 300 bestas de carga, que faziam o percurso de suas fazendas até o Porto da Estrela, levando gêneros de toda a espécie, toucinho e café. Na volta vinham com sal, sabão e ferramentas necessárias à lavoura. Ele reservou para tratamento dos animais de carga a Fazenda do Sossego, nas imediações do pico culminante da Serra das Abóboras, a pedra Monte Cristo (SILVA, 1991, p.135).

Tamanha era a quantidade de terras “adquiridas” ao longo dos anos que, ao falecer em 28 de março de 1857, deixou uma fazenda para cada filho, todas com mais de 100 alqueires de terras, grande parte ainda em pura mata virgem. As fazendas originadas em suas terras foram as seguintes: Cachoeira, Caxambu, Santa Tereza, Sossego, Retiro, Fortaleza, Independência, Água-Limpa, Santo André, Serra, Santo Elias, Santa Vitória, Bom-sucesso e Barreira.

Sua filha, Ana Pereira Nunes, herdou as fazendas do Sossego e Recreio de Santo Elias, hoje denominada Proventório (SILVA, 1991, p.135). Por morte de D. Ana Pereira Nunes, foram libertados todos os escravos, deixando a fazenda para o cunhado, o barão de Santo Antônio<sup>1</sup>. Este passou a propriedade a Francisco Ferreira Ribeiro, o “Chico do Sossego”<sup>2</sup>, seu excelente capataz, por mais de dez anos, findos os quais este passaria a fazenda aos ex-escravos.

A Fazenda do Sossego pertenceu em seguida a Antonio da Silva Tamanqueira, depois a Agostinho Médiçi, e ainda a Virgílio Augusto Fortes. Faziam suas terras divisa com as fazendas da Cachoeira e de Santa Tereza, do Sr. João Jacinto do Couto, e os sítios de propriedades dos senhores Clemente José Nunes, José Alves da Silva e outros de pequena monta, situados entre o rio Preto e a Serra das Abóboras. Além da produção de café, a fazenda tornou-se famosa pelo cultivo de mamona, cujo óleo era muito usado para a iluminação das casas (PINTO FILHO, 1992, p.140).

---

Notas:

<sup>1</sup> Antônio Pinto de Oliveira casou-se com Balbina Pereira Nunes. Exercia, como prático, a medicina homeopática nos arredores de sua Fazenda Santo Elias. Foi agraciado com o título de barão de Santo Antônio através do decreto de 15 de abril de 1882. Fez doações em dinheiro para o hospital da Beneficência Portuguesa, na Corte, bem como para a construção da Casa de Caridade de Paraíba do Sul, na importância de 10:000#000. Esteve em Paris para se submeter a uma cirurgia de catarata proveniente de diabetes, operação alias inútil, continuando seu sofrimento até a morte em 1884 (SILVA, 1991, p.134).

<sup>2</sup> Sobre este cidadão, o historiador Pedro Gomes da Silva nos dá a seguinte informação: “Nasceu no Sossego. Quando foi morar na cidade, em chácara nas Palhas, a habilidade e expediente fizeram dele “pau-para-toda-obra”. Foi quem construiu o coreto do Jardim Velho, com ferragem de Augusto Batista Ferreira, assim como o da Praça de Entre Rios. Passou ao filho Lucas Ferreira Ribeiro muito do seu tirocinio em obras, que ele aproveitou como empreiteiro da prefeitura em vários governos (anos 1920 e 1930); deste é o mais rico depoimento pessoal que já colhi em Paraíba (1971), aos 90 anos”. (SILVA, 1991, p.135).